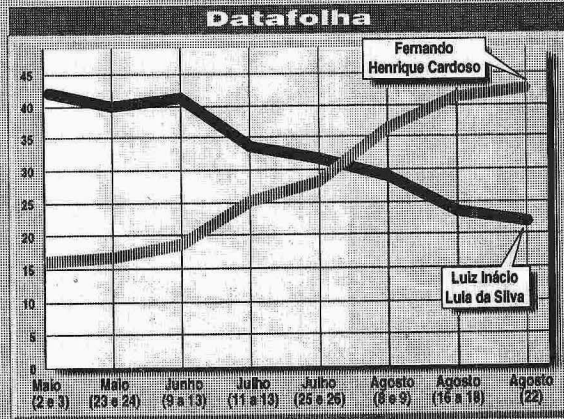
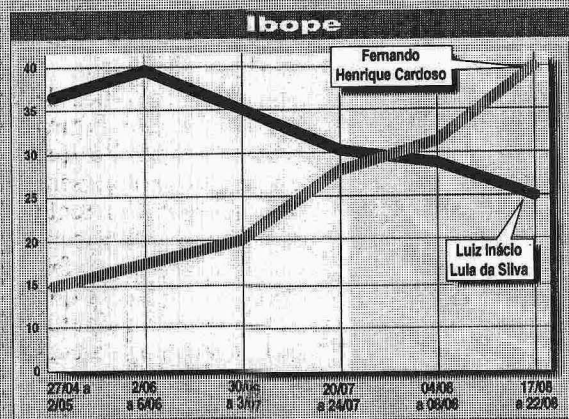
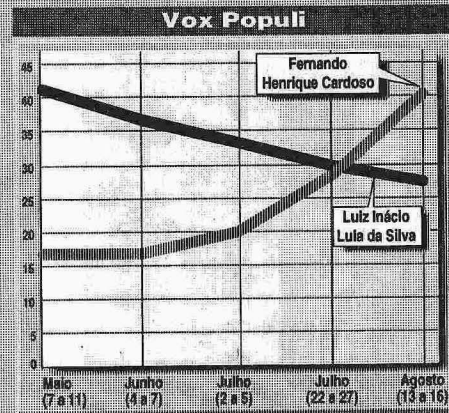
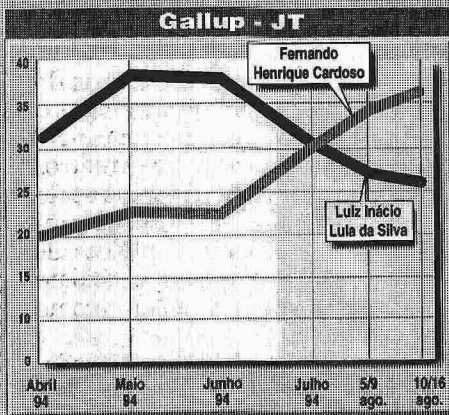


Para PT, situação favorece FHC.

ASSESSOR DE LULA AVALIA QUE CRESCIMENTO DO PAÍS É IRREVERSÍVEL. A DISPUTA, AGORA, SERIA PARA LIDERÁ-LO.

A evolução de FHC e Lula nas pesquisas



O desespero que toma conta da cúpula do PT está fundamentado em uma longa e cuidadosa análise que o partido tem da situação do Brasil. Há um consenso na direção do partido de que o crescimento que agora se inicia no País é inexorável e irreversível. Essa avaliação existe desde os tempos de Collor. Aliás, o PT entendia que alguns setores políticos tradicionais entraram na luta contra Collor devido a essa certeza: quem ganhar a eleição pilotará o período de crescimento do País "e poderá governar por doze anos, indicando sucessivos vencedores", segundo um assessor do partido.

"Todas as condições são favoráveis, internas e externas", afirma o assessor, um analista político rigoroso. Ele considera que, internamente, ninguém segura mais a força natural que empurra o mercado, aumenta o consumo e estimula a produção. Internacionalmente, comenta, o Brasil está qualificado como um dos principais captadores de recursos e está sendo escolhido por empresas multinacionais como sede de suas subsidiárias no continente.

A disputa de bastidores por uma revisão constitucional, interpreta o analista, tem relação também com a competição entre setores e megaempresas. O petista entende que algumas reformas são inadiáveis, como a tributária e a da previdência, e defende o fim da estabilidade para o funcionalismo. Acha que o monopólio das telecomunicações deve ficar com a União, mas não com a Telebrás, e não se qualifica como "direita" do PT. Para o partido, tão ruim co-

mo a queda de Lula é o fato de que a soma de Brizola, Quéricia, Amim e Enéas é tão inexpressiva que não ajuda a compor o quórum para um segundo turno.

Toda essa argumentação é feita, contudo, para apostar que poderá haver segundo turno. "Mas eles vão jogar pesado. Ganhar no primeiro turno transformou-se em prioridade, porque o plano pode começar a fazer água". Pressões dos salários, da Petrobrás, do funcionalismo e da saúde estão surgindo. A questão cambial preocupa o governo, assim como o aumento do consumo.

As recentes articulações do comando do PFL e até a divulgação, pela agência da campanha tucana, de declarações do diretor da área internacional do Banco Central, Gustavo Franco, insinuando que Lula daria um calote

na dívida interna, fazem parte do cenário traçado pelo analista do PT. "Eles também estão desesperados, porque vencer no primeiro turno é conter o dique de surpresas que se armazenam sob o congelamento. Por isso, nós apostamos no que chamamos de terceiro turno, no dia 15 de novembro, já que consideramos o lançamento do real o primeiro turno".

Esse cenário inclui também críticas às alas mais radicais do partido. José Dirceu, por exemplo, é acusado de ter inviabilizado uma aliança com Mário Covas, que teria impedido, por sua vez, a coligação com o PFL e o PTB em âmbito nacional. "Essa falta de visão de alguns dirigentes, que pensaram que o poder estava a um palmo da mão, certamente terá consequências graves se Lula perder a eleição". Entre elas está a de uma luta interna pelo partido, justamente porque há a expectativa de que o próximo governo "dará certo" com Lula ou sem ele. E se "der certo" o eleito fará seu sucessor. Ao PT resta, agora, esperar pelo segundo turno.

Ontem, Aloizio Mercadante (PT-SP), candidato a vice na chapa de Lula, acusou a Agência Estado de praticar o "estilo Collor, ao reproduzir o mesmo tipo de campanha". Mercadante fez essa afirmação após ler a matéria distribuída pela AE em que um dirigente petista analisa as dificuldades da campanha. Segundo o vice, "a AE é uma agência de difamação que serve à campanha de Fernando Henrique publicando matérias sem fontes".

José Antônio Rodrigues/AE

AE mantém informação

A Agência Estado mantém integralmente as informações publicadas ontem em seu serviço noticioso Em Tempo Real AE News, da Broadcast. Essas informações, por menos que isso agrade ao deputado, foram colhidas junto a assessores envolvidos diretamente na campanha do PT, que não são identificados por razões óbvias. De resto, as agressões do deputado à AE podem ser creditadas ao tradicional hábito de atribuir à janela, no caso a imprensa, a culpa pelo mau tempo.